

Officina de composição e impressão de MANUEL BAPTISTA TORRES R. DE S. MARTINHO Aveiro

POVO DE AVEIRO

PROPRIETARIO E DIRECTOR Manuel Baptista Torres Redacção e administração R. de S. Martinho, AVEIRO

SEMAMARIO REPUBLICANO

Numero 410	Assignaturas	PUBLICA-SE AOS DOMINGOS	Publicações	8.º ANNO
	AVEIRO—Um anno, 1200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 24509. Semestre, 12500 réis (fortes). PAGAMENTO ADIANTADO		No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato. Os ars. assignantos tem desconto de 30 por cento. NUMERO AVULSO, 30 REIS	

RESPONSABILIDADES

O TRUNFO É ESPADAS

NÓS, O MILITARISMO E OS DIRIGENTES REPUBLICANOS

Em 30 de dezembro de 1906 escreviamos:

«O partido republicano, se desastrosamente tem feito a propaganda no elemento civil, mais desastrosamente a tem feito no elemento militar. Ao mesmo tempo que adula e excita as paixões das camadas mais infimas, que fomenta a desordem, a anarquia, a indisciplina das multidões e a indisciplina dos quartéis, nunca soube fulminar os crimes, os verdadeiros crimes dos chefes militares e, enfim, de todas as classes dirigentes.

Percebe-se muito bem qual o fim da propaganda republicana quando procura excitar o sentimento da caserna. Mas esqueceram-se, jornalistas, publicistas, oradores, de que o soldado é uma espécie de irracional insusceptível de se apaixonar por um ideal e d'obrar por elle acções que requerem valor intelectual e alto valor moral. E porque é preciso esse valor intelectual e esse alto valor moral n'uma acção revolucionaria, é que nem as massas do povo, nem as massas dos quartéis, que o não possuem, fizeram ainda, embora haja tantos motivos para a fazer, a revolução em Portugal.

Não se fazem hoje revoluções como se faziam dantes. E' preciso contar com a evolução da revolução, como se tem contado com a evolução da guerra, com a evolução dos exercitos, com a evolução dos processos e do sentimento em tudo e por tudo. Outro dos muitos erros dos republicanos é imaginar que se fazem revoluções em 1906 como se faziam em 1820.

O trabalho que se deveria ter feito, e que nós iniciamos sem nunca termos sido consciente, tenazmente, energeticamente auxiliado pelos publicistas republicanos, que o não comprehendiam, era o da democratização do exercito. Era necessario educar o soldado e educar o official. Não ha transformações politicas sem transformações sociais. A transformação social só se faz por via da educação. E o primeiro instrumento da educação é a instrução.

O grande mal da nação portugueza não está sómente no seu analfabetismo. Está na profunda ignorancia de quasi todos os seus filhos. E' urgente acabar com o analfabetismo porque saber ler é estar apto a saber tudo. Mas saber ler e não ler dá o mesmo resultado que não saber coisa nenhuma. Ora em Portugal são rarissimos os que lêem. Não lê o bacharel, não lê o burguez, não lê o official do exercito, a não ser a letra redonda das gazetas de grande publicidade e n'essas mesmas com a condição de não publicarem senão artigos futeis ou superficiaes. Só dois por cento dos officiaes do exercito terão noções vagas de sociologia. Não ha dez por cento que conheçam mediocrementes a historia de Portugal. Como querem os jornalistas republicanos levar ao espirito d'esses homens, com as suas declamações, a convicção, o calor, a energia moral que requer uma revolução?

Essas declamações satisfazem os crentes, os fanaticos, e por isso se lhes ouve dizer a cada passo que a propaganda está feita. E' com os crentes, e com os fanaticos que contam os chefes republicanos, porque não vivem, afinal, em outro meio. Mas esquecem-se de que esses crentes e fanaticos constituem a minoria do proprio partido republicano, sceptico, ou, pelo menos, sem abnegação na sua maioria, e de que, além do partido republicano, acima d'elle, fóra d'elle, ha uma massa enorme de indifferentes, que seria conveniente atrahir, mas sobre os quaes as declamações não tem effecto nenhum. Se a ignorancia é profunda entre os officiaes do exercito, ha entre elles nu-

merosas intelligencias e numerosas consciencias. Conviria acordar essas intelligencias e fortalecer essas consciencias. E um dos processos a empregar para isso seria, precisamente, pôr bem em relevo, aos seus proprios olhos e aos olhos dos extranhos, o papel odioso que esses homens, coagidos, violentados, forçados pelas circumstancias que a monarchia creou, representam no exercito e na sociedade portugueza.

Ninguém desconhece quantas verdades, face a face, nós temos dicto a essa gente. Imagina-se que, por ser restricta a nossa publicidade, não chega aos ouvidos de muitos aquillo que dizemos? E imagina-se que, em consequencia d'isso, tudo são odios em volta de nós? Imaginem o que quizerem. Mas é bem possivel que estejam enganados.

A verdade, dicta com sinceridade, cala sempre na consciencia de todos. E, n'essas condições, não ha força igual á da verdade.

O que é necessario, simplesmente, é saber dizer as coisas. Dize-las de forma tal que convençam. O que o indifferente precisa, acima de tudo, é que o convençam. Ora não ha maneira de convencer o official do exercito pregando a indisciplina, a revolta, a insubordinação ao soldado. E o jornalista republicano portuguez nunca soube fazer outra propaganda militar.

Julga que compensa esse mal auxiliando depois a satisfação de vis interesses ou de ruins paixões? E' peor. Acolá mostrou-se rancoroso ou insensato. Aqui apresentou-se pusillanime ou hypocrita. E perdeu a auctoridade.

Foi a mostrar nobremente, corajosamente, intelligentemente, o papel odioso que o official do exercito representava em França, que a imprensa radical franceza combateu vivamente o militarismo. Foi muito mais energica e decisiva a acção da imprensa na democratização do exercito francez do que a acção dos varios ministros da guerra.

Em Portugal, ou o partido republicano faz o mesmo trabalho, ou será sempre vencido pela corrupção monarchica. Nunca o fez. No proprio combate ao ministerio actual, o ministro que mais tem poupado é precisamente o mais reaccionario, o mais ultrajante, o mais perigoso, que é o ministro da guerra. Toda a obra d'esse homem é uma obra detestavel, tanto sob o ponto de vista politico como sob o ponto de vista militar. Pois tem sido a mais louvada pelos monarchicos e a mais poupada pelos republicanos.

O resultadoahi está. Quando os republicanos se julgavam quasi triumphantes, convencidos do apoio, não só do elemento civil, como do proprio elemento militar, apparece-lhes pela frente (referiamos-nos ás manifestações militares de Lisboa e Porto a favor do franquismo) uma trama de quartéis. Trama verdadeira. Trama real.

Sobre isso não tenham duvidas nenhuma.»

Em 13 de janeiro de 1907 escreviamos:

«E' preciso, pois, fazer tambem entre nós propaganda anti-militarista. A mais decidida. A mais energica. Mas propaganda anti-militarista no sentido de coagir o official do exercito a ser, em vez d'um assalariado do regimen, um cidadão.

O official do exercito não pôde limitar o seu papel—que outro não tem sido até este momento—a conduzir presos de cadeia para cadeia, a fazer a policia dos arraiaes, a commandar guardas de honra atraz do pallio, e a livrar da ira nacional, tantas vezes justificada,

o chefe do Estado, os seus ministros, e os malandrões que roubam a urna e praticam toda a casta de batota durante o acto eleitoral. Porque, se o fizer, colloca-se fatalmente em grave conflicto com as aspirações nacionaes, com os interesses do paiz, com o espirito civilizador e progressivo do seu tempo, acabando por ser olhado—e com razão, diga se a verdade—um tropeço, um embaraço, um parasita, um ente odioso e perigoso.

Até aqui escapava-se pela tangente da sua abstenção politica. Proclamava que o seu dever o punha fóra da lucta dos partidos, que lhe não competia discutir, intervir, mas obedecer. Era, sob todos os aspectos, uma hypocrisia social. Não só intervinha, como, sendo portuguez, sendo cidadão, seria impossivel que não intervisse.

Era uma formula hypocrita, falsa, vã, mas que elle e muita gente chegavam a tomar por honesta e verdadeira como tomam tantas outras mentiras sociaes. Hoje, porém, é elle o primeiro que põe de parte essa hypocrisia, para ameaçar com as suas espadas os que se atrevem a combater os actos do governo. E' caso para se dizer: Deus escreve direito por linhas tortas.

Ah! sim, Deus escreve direito por linhas tortas! O governo está contente. A monarchia exulta. Mas quem tem mais razões para exultar são aquelles que encontram n'esse facto um motivo admiravel para liquidar as tremendas responsabilidades dos officiaes do nosso exercito.

Chegou agora o momento de se fazer a verdadeira, a sã, a justa propaganda democratica no exercito. Abaixo essa asneira de incitar a soldadesca á indisciplina e á desordem. Abaixo esses gritos disparatados de rancor contra os senhores officiaes. Pelo contrario, a democracia portugueza deve afirmar que só deseja a disciplina nos soldados e o prestigio nos officiaes. Mas como tem os senhores officiaes sustentado essa disciplina e mantido esse prestigio?

Quando foi do julgamento dos marinheiros, um orador sustentou no tribunal que a causa principal do espirito de insubordinação, que se notava nos quartéis, estava na propaganda anti-militarista dos jornaes. Ora foi explicar um grande mal por uma causa demasiadamente pequenina. Ha quartéis e quartéis, por esse paiz fóra, onde não entram, para soldados, meia duzia de jornaes. Mas o espirito de insubordinação é que é o mesmo em toda a parte. Em toda a parte! Não ha um unico official que não saiba, não ha um unico official que nas conversações militares o não confesse, quanto é difficil manter a disciplina entre os soldados quando, por qualquer circumstancia, enchem os quartéis. Em havendo chamada de reservistas, em se reunindo tropas com destino ao ultramar, os actos de indisciplina multiplicam-se e repetem-se d'uma forma espantosa. A acção dos officiaes sobre os soldados tem de se exercer por um modo tão frouxo que quasi se pôde afirmar que os soldados obedecem por favor.

Como explicar este facto, em homens do campo, ou geralmente analfabetos ou pouco dados a leituras, pela influencia dos jornaes?

Não seria mais acertado explicalo por esse tremendo egoismo dos senhores officiaes, esse egoismo a que já nos referimos no numero anterior, e em virtude do qual suas senhorias não tem, ha mais de trinta annos, actividade, zelo e vontade, senão para reclamar promoções, augmento de vencimentos e melhorias de reforma?

Nós não temos má vontade nenhuma aos officiaes do exercito. Muitas vezes os temos defendido, sósinho, das mais graves accusações. Muitas vezes temos affirmado que elles são, geralmente, bem intencionados e honestos. Ainda aqui o affirmamos no numero passado. Mas, n'esta corrente de inconsciencia que caracteriza toda a sociedade portugueza, não pensam, não reflectem, e, por irreflexão, levandade, ligeireza de pensamento, tem praticado actos condemnaveis. Ora se, por amor da justiça, nos assiste o dever de os defender de accusações injustas, tambem nos assiste o dever de os accusar por actos condemnaveis.

Não é verdade que o official do exercito portuguez se haja mantido na rigorosa abstenção da vida publica. Simplesmente, quando interveio foi unicamente em seu favor.

Nunca veio a publico fazer campanhas contra a miseria dos quartéis. Mas veio a publico fazer campanhas contra a sua miseria pessoal. Nos quartéis

falta tudo. Não ha casernas, dignas d'esse nome. Não ha barras, não ha enxergas, não ha mantas, em numero sufficiente, e em regular estado de conservação, dentro d'essas casernas. O soldado, que usa luvas e collarinhos, não usa meias e não tem bacias nem linas para se lavar. Um quartel é tudo quanto ha de mais fedorento, um verdadeiro foco de infecção, que se atravessa de dia com um lenço no nariz e de noite aspirando fumo de Sião.

Uma cada com assento de palhinha deve durar 20 annos! Uma mesa, um banco para a aula, uma estante para a aula, um mocho de pinho devem durar 20 annos! Um tableiro para condução de marmitas deve durar 20 annos! E assim por deante.

A falta de mobilia junta-se a falta de equipamento, de armamento e de munições de guerra.

Assim como não ha mobilia, nem armamento, nem equipamento, nem munições de guerra, não ha sargentos, nem cabos, nem soldados. Os concursos de segundos sargentos representam uma verdadeira miseria intellectual. Cada vez se exige menos. E' uma vergonha. E cada vez se sabe menos! Ou são reprovados todos os candidatos que apparecem, ou são approvados alguns para... se não extinguir a classe dos segundos sargentos!

Com os cabos succede a mesma coisa. Não ha. E os poucos que ha são... analfabetos! Ha dias chegou a certo regimento, transferido d'outro regimento, um 1.º cabo, com guia de matricula no curso de sargentos da escola regimental. Lia syllabando, e não sabia escrever dictado!

Soldado que ao fim de seis mezes arranje cincoenta mil reis vae-se emborá. D'esta forma, além da tremenda pouca vergonha do imposto de sangue recahir sómente sobre os miseraveis, ficam os effectivos reduzidos a metade. Não havendo effectivos, não ha instrução militar. Annos se passam sem que possa haver em alguns regimentos de infantaria um exercicio de batalhão. Os proprios exercicios de companhia são tão poucos que nenhum capitão assiste a mais de meia duzia em cada anno. E, assim, o official passa a vida a jogar as damas e o gamão nos quartéis!

Contra isto nunca fez campanhas jornalisticas, nunca ameaçou o official do exercito portuguez. Tendo, contudo, feito campanhas jornalisticas, e ameaçado, para lhe darem augmento de vencimentos, promoções e melhoria de reforma.

Foi assim que sustentou a disciplina militar? Foi assim que manteve o seu prestigio?

Pois mais bruto que seja o soldado, o soldado percebe muito bem quando o tratam com carinho, solicitude e interesse, ou quando o tratam com desprezo. Porque isso até percebe um burro ou um cão. E se um burro ou um cão responde com coices ou dentadas aos maus tratos, e com carinhos aos carinhos, o soldado procede analogamente na sua linha de meio irracional.

E' profundo o desprezo do official pelo soldado. E' profunda a indifferença, quando não a má vontade, do soldado pelo official. Meia hora depois de ter passado á reserva, aquelle que momentos antes foi soldado passa pelo seu antigo official sem levar a mão ao chapéo. E' um facto que não pôde negar, com verdade, nenhum official do exercito portuguez. A regra geral é essa.

O official não tem nenhuma influencia moral sobre o soldado. Todo o seu poder deriva, exclusivamente, da força do regulamento.

O capitão Homem Christo recebe cartas dos seus antigos soldados da India, da Africa, do Brazil, de toda a parte. Vão visitá-lo das aldeias, vão-lhe dizer adeus quando embarcam para o Brazil, ou para as colonias portuguezas. Nem um só deixa de lhe tirar o chapéo quando o encontra na rua. Contudo, o capitão Homem Christo é rispido, é aspero por temperamento, e não hesita um instante em applicar um castigo disciplinar quando lhe parece justo. Apenas, ensinando os seus soldados a ler, mostrou interesse, solicitude por elles. Não os desprezou. Não lhe foram indifferentes. E esta simples coisa bastou para que os soldados lhe ficassem agradecidos e o estimassem. Pois quando o capitão Homem Christo offereceu aos seus camaradas esse meio tão

simples de serem amados pelos soldados, prestando, ao mesmo tempo, um relevante servico ao exercito e á nação, sahio a campo um batalhão de fidalgos fardados clamando que servir de mestre escola era incompativel com a dignidade da nobre profissão das armas.

Compativel com a dignidade da nobre profissão das armas é o padre capellão ensinar aos soldados quaes são os preceitos que servem de base á disciplina militar, fazer-lhes prelecções sobre patria e bandeira, sobre subordinação e deveres militares, sobre punições e recompensas, é um segundo sargento ensinar a parte pratica do exame de 1.º cabo aos candidatos a este posto, e é a nobre officialidade pôr as espadas ao servico do ministerio que depois de dar toda essa commodidade aos illustres officiaes ainda lhes augmentou o soldo e lhes deu subsidio para renda de casa.

Não se venderam? Não. Somos nós os primeiros a fazer-lhes essa justiça. Nem por isso tem deixado de dar provas d'um odioso militarismo, improprio do nosso tempo e prejudicial aos interesses da nação.

Urge combatê-lo. E mostrar aos senhores officiaes que se ha n'esta terra quem não tenha auctoridade nenhuma para ameaçar são elles. Nenhuma.

Quem desprezou até hoje por inteiro os interesses do exercito e os interesses da nação, para tratar unicamente da propria commodidade e dos proprios interesses, não tem direito algum a apparecer agora de espada desembainhada a clamar, contra a democracia, pela moralidade e pelo bem publico.

Estes eram os artigos principaes. Mas, como já dissémos, muitos outros publicou o Povo de Aveiro. Muitos outros. Em questões militares, como em todas as outras, era constante o nosso esforço no sentido de instruir, d'educar, de fortificar por meio dos principios democraticos. Em linguagem viva, mas sem nenhuma d'essas violencias de phrase, d'esses insultos a que se referiram os quadrilheiros do Mundo. Como se sabe, esses quadrilheiros accusaram-nos não só de insultar todos os domingos os republicanos como de fazer politica monarchica em vez de fazer politica democratica. Ora eis aqui os nossos insultos e eis aqui a nossa politica monarchica.

Mas vamos adiante.

Em 20 de janeiro publicavamos um novo artigo sobre militarismo, demonstrando a hypocrisia das altas regiões militares no projectado juramento de bandeiras.

Em 27 continuavamos sobre o mesmo assumpto.

Em 23 de dezembro haviamos commentado o celebre relatório do commandante da guarda municipal do Porto, dado á publicidade para justificar o procedimento brutal dos soldados que no Porto haviam feito fogo sobre a multidão, ferindo gravemente um pobre homem que veio a morrer pouco depois. Os deputados republicanos não sabiam tratar essa questão. Fornecemos-lhe nós aqui os mais valiosos elementos, já apreciando a questão á face das leis portuguezas, já pondo em relevo, n'esse artigo de 23 de dezembro e em outro publicado em 30, o procedimento da tropa e das auctoridades francezas em casos identicos. Apoiados n'esses elementos teriam os deputados republicanos feito excellentes discursos na

camara. Pois desprezaram-nos em absoluto!

Em 10 de fevereiro de 1907 publicavamos um documento importantissimo, a ordem celebre do commando geral das guardas municipais que mandava fazer as pontarias ao centro do alvo para que as munições não fossem perdidas e ficassem bem evidenciados os funestos resultados da desobediencia. Não deixaria em paiz algum do mundo, onde existisse uma situação politica analoga á de Portugal, de ser levado á camara esse documento, e de ser transcripto e commentado por toda a imprensa republicana. Pois só o transcreveu a *Resistencia*, de Coimbra, e esse mesmo porque não estava então á sua frente o director do costume, porque, se estivesse, não teria dicto o jornal uma palavra.

Estupidos, cem vezes estupidos. Maus, tambem. Mas, acima de maus, estupidos, cem vezes estupidos. Convençam-se todos de que estes homens, com as suas fumaças de litteratos, de artistas, de sábios, são estupidos. E não se convençam pelo que nós dizemos. Convençam-se pelos factos que vamos apresentando.

Estupidos! Não teem convicções. Não teem principios. Se não teem principios não podem amar os principios. Naturalmente. Mas, mesmo na sua linha de quadrilheiros, mesmo na melhor defeza dos interesses da quadilha, outro seria o seu procedimento se fossem intelligentes. Muitos elogios bombasticos. Uns aos outros se chamam genios. Oradores assombrosos! Escriptores divinos! Tudo quanto ha de mais superlativo! Um vergonhoso elogio mutuo. A toda a hora. Pois que se illudam os tolos. E illudem-se. Quem vir com olhos de vér não hesitará em concordar que o que mais falta aos luminares republicanos é, precisamente, intelligencia.

A publicação d'esse documento no *Povo de Aveiro* impressionou as altas regiões monarchicas. Dias depois sahia uma ordem do commando geral das guardas municipais mandando recolher toda a legislação anterior que estava nos archivos. Queriam, evidentemente, ver se davam pela falta d'algum dos documentos distribuidos ás companhias e assim encontrar um signal que os puzesse na pista do nosso informador. Tal era a importancia do caso para a monarchia. Pois para a republica não tinha importancia nenhuma! Sucia de cavalgadas.

Diziamos nós, no artigo publicado em 30 de dezembro, e de que transcrevemos os periodos que atraz se lêem, que apesar de dizermos aos officiaes verdades amargas nem tudo eram odios em volta de nós. Na verdade. Era profundo o odio que inspiravamos aos reaccionarios, era profunda a má vontade que nutriam contra nós os rotineiros. Mas tambem nos acompanhava a viva sympathia de todos os espiritos lucidos e progressivos que existiam nos quartéis. Eram estes a maioria, não ha duvida. Mas a liberdade e o progresso nunca tiveram por si as maiorias e nem por isso deixaram sempre de triumphar. Eram a minoria. Mas eram a minoria intelligente. E não ha força egual á da intelligencia.

Os officiaes honestos e intelligentes achavam razão no que diziamos. Advogavam muitos dos nossos principios. Alguns defendiam já nos proprios jornaes militares a conveniencia do ensino escolar por companhias. Outros praticavam já esse principio. Muitos dos que o não praticavam não teriam, dada a occasião, a menor reluctancia em o praticar.

Impressionavam-se com certos factos, que desconheciam, como, por exemplo, esse da heroica brandura das tropas francezas nos conflictos sangrentos que narravamos. Isto quanto aos officiaes. A influencia da nossa acção sobre sargentos e soldados, essa, então, era valiosissima.

Estando nós sósinho. Tendo

unicamente a nossa penna e o *Povo de Aveiro* a auxiliar-nos como elemento de propaganda jornalística. Imagine-se o que seria, o que se teria obtido, o que se teria feito, o que se teria conquistado se a imprensa republicana, compreendendo o nosso trabalho democratico, tem, valorosamente, secundado o nosso esforço!

Nós, sósinho, até o poder reaccionario, até o rotineiro ministerio da guerra levávamos a reformas progressivas. Porque a verdade é que a ultima reforma das escolas regimentaes, á parte a maroteira de ser supprimida do regulamento a faculdade, que tinha o capitão, de ensinar, querendo, os soldados da sua companhia, representava, não obstante todas as suas deficiencias e defeitos, um passo para deante. E a nós, á nossa constante propaganda, se devia. Foramos nós que trouxeramos a publico a questão do analfabetismo no exercito. Foramos nós que pozemos em foco as escolas regimentaes. A proposito dos nossos artigos se trabalhava sobre o assumpto varias polemicas jornalísticas. E de tudo isso resultou dar-se, enfim, alguma importancia á instrucção litteraria nos quartéis.

O ministro supprimia do regulamento a faculdade que tinham os capitães d'ensinar os soldados das suas companhias. Mas não se atrevia a negar auctorisação, como se provou, ao capitão, se o capitão pedia para ensinar directamente os soldados da sua companhia.

Isto tudo, repetimos, nós conseguimos sósinho. Com a propaganda de facto, nos quartéis. Com a nossa penna, com o *Povo de Aveiro*, exclusivamente, no campo jornalístico. Imagine-se, outra vez o dizemos, o que se teria obtido, com uma campanha intelligente de toda a imprensa democratica.

Não só os dirigentes republicanos a não estimularam nem fizeram como acabaram por dar pretexto ao poder para inutilisar o homem, o unico homem, que mantinha erguida a bandeira democratica no exercito.

Infames quadrilheiros. Infamissimos. Mas tão estupidos como vis.

São os chefes republicanos, elles, só elles, os culpados da odiosa dictadura a que estamos sujeitos. Elles, só elles! Todo o interesse de João Franco, toda a sua conveniencia,—e esse, não ha duvida, era o seu desejo,—seria governar por processos regulares. Para isso bastaria que os republicanos, sem colligações com monarchicos nem coisa que se parecesse, o tratassem com a benevolencia que o interesse democratico requeria. Ou, por outra, que procedessem com elle politicamente. No sentido intelligente e nobre que se liga a esse termo politicamente.

São elles os culpados, ou, pelo menos, os maiores culpados, da odiosa dictadura. E são elles os maiores culpados do caracter militar que a dictadura revestiu.

Se seguíssem o caminho que tanto porfiámos aqui em lhe indicar nada do que veio a succeder haveria succedido.

Mas nem só o não seguiram, como nos sacrificaram aos interesses monarchicos e ao fanatismo da ignara turbamulta.

Legitimos representantes do bandidismo estúpido, do bandidismo boçal do Pinhal d'Azambuja.

Até como quadrilheiros são do mais baixo estofio.

Nunca, nunca, por este caminho, chegarão a implantar a republica em Portugal.

E nós veremos.

Cartas de Lisboa

13 DE JUNHO.

Dizia-me a semana passada, espiritualmente, um republicano:

«Você chama ao Bernardino o herdeiro presumptivo da corôa. Está bem. Muito bem. Tenho pena de morrer sem o ver, de facto, rei da Republica. Que serie de coisas tão interessantes! Que serie de coisas tão alegres! A primeira que elle faria, esteja certo, seria decretar como de grande gala os dias do proprio nascimento, o do nascimento da mulher e o da filharada toda. Dezeses dias solemnes! Dezeses dias, fóra os outros, de festa nacional! O que importava logo dezeses feriados, dezeses bodos aos pobres, dezeses festas na Sé com santissimo exposto, dezeses sessões magnas no Grande Oriente com malho erguido, symbolo, como você sabe, do Supremo Architecto do Universo, e dezeses cortejos civicos, a desfilar em por debaixo das janellas do... Real Paço Bernardino Machado. Sem duvida que, em homenagem a *el gran Bernardino*, como escrevem já os jornaes hespanhoes, não deixaria a Republica agradecida de pôr o nome do monstruoso cidadão—se digo monstruoso é porque não conheço adjectivo que melhor exprima coisa grande—ao primeiro palacio que o rei da Republica habitasse. E, assim, o actual Paço das Necessidades, ou o da Ajuda ou o de Belem passaria, certamente, a ser o Paço Bernardino Machado.»

Achei a lembrança engraçada. E acertada. Só me pareceu difficil a aliança do malho maçónico com o santissimo sacramento catholico. Mas o meu interlocutor explicava o caso pela força da *cordealidade*.

«E' que você esquece-se, dizia elle, que a *cordealidade*, é para o monstruoso cidadão uma especie de talisman, uma especie de elixir milagroso, ou pelo menos, um efficacissimo sabonete de tirar nodos. *El gran Bernardino*: tudo assombra com a *cordealidade*. As multidões ouvem-no, boquiabertas, apregoar os effeitos nunca vistos da *cordealidade*. Elle tudo consegue com a *cordealidade*. Da vista aos cegos e voz aos mudos. Faz desaparecer as corcovas em tres dias. Domestica feras. E, se o que é para muito é para pouco, tambem tira dôres de dentes e salva todo o panno das peiores nodos. *Vinde para a republica*, exclamava elle no ultimo comicio do Porto, *vinde para a Republica*, que é quanto basta para que os maus se tornem bons.»

Está na *cordealidade* o segredo da força do monstruoso homem. E' o seu talisman. D'elle lhe vem a grande popularidade. Ora já você vê que não lhe ha de ser difficil conseguir, no mesmo dia, da Egreja a festa do Santissimo e da Maçonaria a festa do malho. Você ha de ver mais. Ha de ver, n'esse grande dia de concordia, os regentes da Maçonaria beijar o chão da Sé, prostrados deante do santissimo, e os regentes da Sé abrir os braços, em respeitosa adoração, perante o malho erguido do Supremo Architecto.»

Isto não é blague. A prophacia dos dezeses dias de grande gala é absolutamente verdadeira. E nem só a mim a fez o republicano de que falo. A outros mais transmittiu seu pensamento. Calcule-se, pois, como eu ficaria a rir quando li no domingo o programma da grande manifestação nacional de que vae ser alvo *el gran Bernardino Machado*. Vejamos, mais fica no *Povo de Aveiro*, elemento indispensavel, como dizia dantes o sr. Theophilo Braga, a quem quizer no futuro fazer a historia do partido republicano, mais fica no *Povo de Aveiro* archivado ess'outro documento da imbecilidade nacional.

Vejamos. Era, no domingo, noticia de chapa em todos os diarios *democratas* d'esta capital:

Manifestação ao dr. Bernardino Machado

Reuniu hontem a commissão organizadora da homenagem a prestar ao illustre democrata sr. dr. Bernardino Machado, pela sua attitude de abnegação e civismo, mantida no conflicto academico. O programma ficou delineado n'essa reunião.

As escolas e o professorado, as associações e todas as diversas classes que constituem a sociedade portugueza irão em cortejo civico saudar o eminente cidadão, entregando-lhe uma mensagem de respeitosa solidariedade e collocando no peito do festejado uma medalha de ouro, commemorativa do seu nobre exemplo.

As quatro horas da tarde de 28 de julho de 1907 reunir-se-hão no local que préviamente fôr indicado todos os que, adherindo á idéa, tenham dado a sua adhesão até ao dia 20 do referido mez, para se incorporarem no cortejo civico.

A' hora indicada e tendo sido lançados tres morteiros, pôr-se-ha o cortejo em marcha, pela ordem seguinte:

1, escolas primarias do sexo masculino; 2, escolas primarias do sexo feminino; 3, escolas industriaes; 4, associações escolares; 5, estudantes dos lyceus; 6, associações de classe; 7, estudantes de cursos superiores; 8, professorado primario, secundario e dos cursos superiores; 9, associações scientificas; 10, imprensa e commissão executiva do cortejo.

Entre cada uma das collectividades indicadas e á frente e cauda do cortejo irão as bandas de musica, fanfarras, tunas, e que para esse fim se tenham inscripto até ao dia 20 de julho. Todas as escolas e associações levarão os seus distinctivos, estandartes, e flores.

Todos os manifestantes deverão levar ao peito a medalha commemorativa de manifestação, cunhada em aluminium.

Os alumnos de todas as escolas, assim como as musicas que se incorporarem no cortejo, deverão executar durante o trajecto na rua da residencia do dr. Bernardino Machado o cantico escolar «A Sementeira», para cujo fim se fornecerá a musica e versos a todas as escolas e collectividades que o desejarem.

Todas as escolas e collectividades desfilarão em frente da residencia do dr. Bernardino Machado, ficando sómente n'essa rua os portadores de insignias collectivativas e porta-estandartes, e as tunas academicas que se incorporarem no cortejo e todos aguardarão a chegada da commissão executiva.

Chegada a commissão executiva do cortejo, d'ella se destacarão tres membros que, subindo á casa do festejado, convidarão este a vir á janella, para deante dos representantes de todos os que adheriram á manifestação lhe entregarem 15 medalhas de prata destinadas a sua familia e, finalmente, para proceder á leitura da mensagem de saudação.

A ordem e a disciplina do cortejo e a sua exacta execução deve ser entregue ao povo, que terá desejo de, mais uma vez, provar o seu civismo e dedicacão pela solidariedade para com os verdadeiros apóstolos da instrucção, educação e liberdade.

Assim, pois, a commissão não deve solicitar nenhuma outra força para manter a boa ordem e disciplina do cortejo.

Eis ahi os futuros dezeses dias de festa nacional, com exposição de santissimo sacramento e malho, que o meu interlocutor previa para quando o rei da Republica habitaria o Paço Bernardino Machado! Eis ahi os futuros dezeses cortejos civicos! Só porque *el gran Bernardino* fez agora o sacrificio de se demittir de professor da Universidade são cunhadas 16 medalhas, uma d'ouro para o monstruoso cidadão e 15 de prata para sua illustre mulher e filhos!!!

Quem duvida ainda de que isto é um grande paiz de parvos?

Temos aqui clamado: *são parvos, são parvos, antes de tudo e acima de tudo*. Quem duvida hoje de que, effectivamente, antes de tudo e acima de tudo são parvos?

Parvos! E já ninguem os trata senão como parvos!

Contava-me o mesmo republicano o seguinte:

«Quando o Bernardino Machado chegou a Lisboa, depois da sua adhesão ao partido republicano, foi recebido triumphalmente, como você sabe, na estação do Rôcio. Eu não fui lá. Encontrei passado um bocado o E. G. e o J. de M. (dois luminares, ou, por outra dois... das luminarias) que me interrogaram muito entusiasmados: «Então que diz você áquella manifestação ao Bernardino?» Digo-lhes, respondi, que está fóra da linha de habilidade politica de que vocês julgam ter o segredo e dado agora uma grande prova.

Porque fizeram vocês tanta coisa ao Bernardino? Por elle ser mais talentoso do que outros que já existem na republica? Não. Por elle ser mais honesto? Também não. Foi por elle já ter sido ministro da monarchia. Foi por elle ser conselheiro. Ora digam-me agora: que fazem vocês amanhã ao D. Affonso? Sim, que fazem ao D. Affonso quando elle vier para a republica? O outro foi ministro da monarchia, mas este é commandante do campo entrincheirado de Lisboa. O outro é conselheiro. Mas este é infante e general. Exgotadas as manifestações, vocês já não teem maneira de receber condignamente o D. Affonso. E como o D. Affonso e outros se julgam mais que o Bernardino, o resultado fatal será não vir nenhum para a republica. Ora eis a asneira. Julgando-se politicos, vocês a toda a hora commettam erros politicos.»

Os dois ficaram com a cara d'asnos com que Deus os criou e o nosso interlocutor despediu-se á gargalhada.

Não ha um homem intelligente n'este paiz que os tome a sério com tanto disparate.

Ha mezes o sr. Brito Camacho zombava, n'um dos seus sueltos, do governo francez, por este ter depositado no Panthéon o cadaver da mulher de Berthelot.

Berthelot, que toda a sua vida nutria por sua mulher um terno amor, succumbia ao receber a noticia da morte d'ella. Podia ella ser indigna do amor do grande sábio. Mas não succedia assim. Madame Berthelot tinha sido, a par d'uma mulher honesta, uma companheira dedicadissima do homem illustre. Quando não collaborasse nas obras scientificas de seu marido com o pensamento n'ellas havia collaborado com o coração, dando ao esposo da sua alma a enorme força que deriva d'um laço onde reina a paz e o amor. O governo francez, nem ninguem em França, havia feito cortejos civicos em honra d'essa mulher, nem cunhado para ella, ou para os filhos, medalhas d'ouro, d'aluminio ou de prata. O governo francez, nem ninguem em França, se lembraria de sepultar o cadaver d'essa mulher no Panthéon, se ella morresse n'outras circunstancias. Mas não havia como que uma profanação em separar dois entes que tendo vivido tantos annos a mesma vida morriam no mesmo dia da mesma morte, attestando assim que nem depois de mortos admittiam a separação?

Não era um attentado ao sentimento? Não era mesmo um attentado á justiça? Se no homem se honravam as suas obras, seria aquella mulher inteiramente extranha ao valor enorme d'essas obras? Ou teria, pelo contrario, concorrido para ellas poderosamente?

Com applauso unanime da França, o governo resolveu-se pela affirmativa. E enterrava no Panthéon a mulher de Berthelot.

«Mais comment rappeler ici, dizia Briand, o ministro francez, ao serem depostos os dois cadaveres no Panthéon, mais comment rappeler ici, devant ces deux cercueils, les joies tranquilles et pures ou deux êtres d'élite cheminant côte à côte, parmi les illusions de la vie, ont retrempe leur énergie et affermé leur espoir, sans être jamais...»

CENTRO FOTOGRAFICO
PORTO
R. SÁ DA BANDEIRA-135

par une émotion qu'il m'est impos-
sible de maîtriser!

Madame Berthelot avait toutes
les qualités rares qui permettent à
une femme belle, gracieuse, douce,
aimable et cultivée d'être associé
aux préoccupations, aux rêves et
aux travaux d'un homme de génie;
elle vécut avec Berthelot dans une
communauté de sentiments et de
pensées qui les groupa en un cou-
ple parfait où n'auraient tressail-
lé qu'un même cœur et brillé qu'un
seul esprit.

Pois bem. Este acto de intelli-
gencia e de sentimento, nobre sob
um ponto de vista e o outro, pra-
ticado pelo governo francez, só
inspirava troça ao sr. Brito Cama-
cho. E a manifestação projectada
a Bernardino Machado e a sua fami-
lia, manifestação que seria ridi-
cula e ultrajante se fosse prestada
em vida ao proprio Berthelot, não
arranca ao jornalista portuguez uma
única palavra de protesto!

«Entrem dignamente na vida,
não a maculem para sempre com a
ignominia da sua mocidade», dizia
Bernardino, dirigindo-se aos es-
tudentes que ha pouco encerraram
matricula, — na entrevista que o
Mundo sexta-feira passada publicou.

Mas tão indignamente maculam
a sua vida aquelles que curvam a
cabeça a João Franco como aquelles
que pegam na cauda a Bernardi-
no Machado. Tão maus educado-
res se revelaram aquelles que acon-
selharam aos estudantes a subservi-
ência perante o poder como maus
educadores se revelam os que lhe
aconselham agora a subserviência
perante Bernardino Machado. Estu-
dante que se presta a render a
Bernardino Machado a homenagem
só devida aos salvadores da patria,
estudante que nivela Bernardino
Machado, por se ter demittido de
lente da Universidade, com os gran-
des genios da humanidade, dá ain-
da menos provas de civismo, de
consciencia, d'altivez de caracter,
do que o mesquinho que se rendeu
á imposição dos paes, ou ás con-
veniências da vida, para alguns,
quem sabe! d'uma exigencia tão
dura que só por verdadeiro herois-
mo lhe poderiam resistir.

Tudo uma covardia! Tudo uma
falsidade! Tudo uma mentira!

Covardia, mentira e falsidade
nos jornalistas que se esfalfaram por
amor do brio da mocidade, a aconsel-
har a manutenção da greve aos
estudentes, e que não protestam
agora contra a baixaza d'uma ma-
nifestação contraria a todos os
princípios de justiça e de docôro
publico. Covardia, mentira e falsi-
dade no educador que só aconselha-
va independência de caracter por espiri-
to de facção, pois não hesita em
aceptar para consigo a subserviência
deseducadora que fulminava para
com os outros. E covardia, menti-
ra e falsidade nos estudantes que,
bramando contra o charlatanismo
dos lentes e esterilidade do ensino
universitario, forem ser instrumento
do mais revoltante charlatanismo
que se tem praticado em Portugal.

Arrastou-se miseravelmente a
subscrição aberta para ser ergui-
do um monumento ao marquez de
Pombal. Só devido á generosidade
particular foi possível erguer-se
n'esta terra um monumento a Af-
fonso d'Albuquerque. Desconhece
o povo o nome de Mousinho da
Silveira, o pobre esquecido do cem-
iterio de Gavião, o nome de Pas-
sos Manuel, de José Estevão, de
quantos verdadeiramente serviram
a patria e a liberdade, de quantos,
verdadeiramente, fizeram sacrificios
e tiveram merito. E são os que
deixam esses grandes homens sem
galardão, e são os que não fazem
o minimo esforço por arrancar o
povo á sua abjecta ignorancia, e
são os que enchem a bocca com
justiça, com altivez de caracter, com
incitações revolucionarias, os que dão
o comico e vergonhoso espectáculo
de cortejos civicos, e commemora-
ções por meio de medalhas, em
honra d'um homem que prestou á
patria e á humanidade o extraor-
dinario serviço de... se demittir
de lente da Universidade!

Então, sejam ao menos logicos
uma vez na vida. Uma só. Então

precipitem da rocha Tarpeia An-
gelo da Fonseca e Affonso Costa
que, sendo lentes e sendo republi-
cans, se não demittiram dos seus
cargos.

Vamos. Merece tão extraordi-
narias homenagens Bernardino Ma-
chado? Quanto mais o elevam mais
deprimem os outros. Vamos. An-
gelo da Fonseca e Affonso Costa
da rocha Tarpeia abaixo.

Que paiz tão comico!

FALTA DE ESPAÇO

Por ser muito extenso o nosso
artigo editorial, com o qual con-
cluimos hoje o nosso balanço de
responsabilidades em relação á
dictadura, retiramos um artigo
do nosso presado amigo e colla-
borador Casimiro Freire, que tem-
os em nosso poder, um outro
sobre alianças internacionaes e
a continuação das Impressões do
Estrangeiro, artigos que, já es-
tavam compostos para sahir n'este
numero e que sairão no im-
mediato.

TOURADA NA FIGUEIRA DA FOZ

E' no proximo dia 24 do corrente,
que se realisa no elegante redondel do
Colyseu Figueirense a primeira corri-
da da epocha.

Serão lidados 10 bravissimos tou-
ros da afamada ganadaria do sr. José
Monteiro, de Pombal.

Tomam parte na corrida o distin-
cto e festejado cavalleiro José Casi-
miro d'Almeida; espada, Cypriano
Bosqued; bandarilheiros, Torres Bran-
co, José Costa, Ribeiro Thomé e João
Ferreira e os noveis toureiros Alfre-
do Santos e Alexandre Vieira, che-
gados do Brazil, onde tanto enthu-
siasmo causaram. Dará o salto de
vara nos touros que a isso se presta-
rem o bandarilheiro Alfredo Santos.

Um valente grupo de moços de
forçado do Porto, capitaneado pelo
arrojado José da Silva.

Assistem á corrida as tunas que
concorrem ao certamen, assim como
as philarmonicas que veem aos feste-
jos e a Real Philarmonica 10 d'Agosto.

Dirige esta corrida por especial
obsequio o sr. Carlos d'Abreu.

Os bilhetes encontram-se á venda
nas seguintes localidades: Casa Ha-
vaneza, Praça Nova; Loja das Pal-
meiras de Julio Rodrigues, etc, e no
dia da corrida nas bilheteiras da
praça.

Ha comboios espeoiaes a preços
reduzidos em todas as linhas.

Aos touros á Figueira, pois.

POVO DE AVEIRO

**Vende-se em Lisboa na
tabacaria Monaco, ao Rocio,
e na Tabacaria Americana,
ao Chiado, na rua Nova do
Almada 46, junto á droga-
ria Falcão, na Havaneza de
Alcantara, mercado d'Alcan-
tara n.º 6; Tabacaria Firmi-
no Paulo, rua da Prata, 205
e 207. No Porto, na rua
Sá da Bandeira, 41. Em
Coimbra na Tabacaria Cen-
tral, rua Ferreira Borges,
27, e em Aveiro no kiosque
de Antonio de Souza, Largo
de Luiz Cypriano.**

E' DE PRIMEIRA ORDEM

Cunha e Costa pede no Secu-
lo que os priores das freguezias
sejam nomeados officiaes do re-
gisto civil, como o melhor meio
de tornar effectiva a liberdade
de consciencia em Portugal.

Apesar de Cunha e Costa ter
ás vezes idéas disparatadas esta
não é d'elle com certeza. Esta é
do conselheiro. Vê-se alli o dedo
do conselheiro.

De primeirissima ordem!

Quereis fazer uma longa viagem
sem vos fatigardes? Compraes a
bicyclete — «A OSMOND»

Morto de fome!

De pé, por traz do balcão, um
vendedor da rua Envierges, em Bel-
leville, França, conversava, ha dias,
familiarmente, com alguns freguezes,
acerca dos ultimos crimes com-
mettidos em Paris e a conversa ca-
bhu naturalmente na recente tenta-
tiva de rapto da menor Bertha
Monge.

—Os paes que confiam os filhos
a pessoas extranhas, ou que os deixam
sahir sós—dizia um dos freguezes—
são muito imprudentes.

—São imperdoaveis!... — ac-
rescentou outro — porque, além
dos individuos que nós não conhe-
cemos e de que não desconfiamos
bastantemente, ha ainda os apaches,
os vagabundos e os vadios.

Estava n'este pé a conversa
quando a porta se abriu.

Um homem, miseravelmente ves-
tido, entrou. Com os olhos amol-
tecidos e o rosto estriado de rugas,
parecia soffrer muito.

—Que quer?—perguntou-lhe o
negociante.

—Tenho fome, dae-me pão...
Tenho frio, deixai-me aquecer um
pouco... — implorou o misero.

—Não, não— respondeu o ven-
dedor, ainda sob a impressão da con-
versa em que estavam.— Gente
d'essa especie não merece commise-
ração. Retire-se!...

—Pelo amor de Deus, um boc-
cadinho de pão— insistiu timida-
mente o mendigo.

O tom com que balbuciou estas
palavras era tão supplicante, na sua
physionomia lia-se um tal soffrimento,
que todas as pessoas presentes
se compadeceram do infeliz.

—Apesar de tudo—murmurou
um dos circumstantes—póde ser
um homem honrado.

O negociante entregou-lhe então
um pão inteiro.

—Oh! muito obrigado!—ex-
clamou o misero, levando apressada-
mente o pão á bocca e mordendo-o
vivamente.

Mas de repente, viram-n'o em-
pallidecer, soltar um debil gemido
e cahir desamparadamente no chão.

Transportaram-n'o, a toda a
pressa, a uma pharmacia; mas to-
dos os cuidados foram inuteis. Ti-
nhá morrido de fome.

Como não se lhe encontrasse
papel algum que permitisse estabe-
lecer a sua identidade, foi o cadaver
conduzido para a morgue.

SARRAZOLA

Com esta epigrapha, vem o
sr. Antonio Maria Ferreira de-
clarar no Povo de Aveiro, de 9
do corrente, que, devido á inter-
venção de uma pessoa amiga, que
por muitos titulos estima e respei-
ta, addiará para mais tarde a
continuação prometida dos es-
criptos assignados por si contra
o abaixo assignado, para provar
ao povo d'esta terra, o amor,
zelo e desinteresse que tomo pelas
coisas da minha terra. E tudo
isto porque, eu, na qualidade de
vereador, não pude ser-lhe agra-
davel dando, contra a minha con-
sciencia, informação favoravel
n'uma pretensão sua em requeri-
mento que o mesmo sr. Fer-
reira tinha feito á Camara para
construir na principal rua d'esta
terra, uma fôssa para receber os
dejectos da casa de um seu pa-
rente!

Venho declarar ao sr. Ferrei-
ra, que não pedi nem peço a in-
tervenção de quem quer que fór
para que o sr. Ferreira não con-
tinue com os seus communica-
dos contra mim; e, como quem
não deve, não teme, dou-lhe por
esta plena liberdade, e até mes-
mo aqui o emprazo, para dizer
o que entender de verdade sobre
o meu desinteresse, como vere-
ador, pelas coisas da minha terra.

Cá o espero, pois, sr. Ferreira,
Sarrazolla, 12 de junho de 907.

Henrique Maria Rodrigues da
Costa.

HORARIO DOS COMBOIOS

DE LISBOA AO PORTO

	Omn. Tram. Omn. Rap. Cor.				
	M.	M.	T.	T.	T.
Lisboa (Roc.)	8,35	=	1,50	5,30	9,3
Entronet.	11,54	=	4,55	7,3	12,19
Coimbra	3,36	9,4	8,28	8,57	4,6
Pampilhosa	4,9	9,34	9,20	9,13	4,35
Mogofores	4,52	10,14	9,40	=	5,4
O. do Bairro	5,3	10,27	9,51	=	5,15
Aveiro	5,33	11,1	10,19	9,53	5,45
Estarreja	5,58	11,24	10,42	=	6,5
Ovar	6,18	11,54	11	=	6,24
Espinho	6,43	12,34	11,24	10,35	6,46
Gaya	7,19	1,23	11,58	10,57	7,20
Porto (S. Bt.)	7,46	1,51	12,22	11,16	7,47

DO PORTO A LISBOA

	Omn. Rap. Omn. Rap. Cor.				
	M.	M.	M.	T.	T.
Porto (S. Bt.)	6,35	8,49	2,45	5	8,44
Gaya	7,6	9,11	3,19	5,21	9,19
Espinho	7,30	9,28	3,40	5,38	9,46
Ovar	7,52	=	3,59	=	10,13
Estarreja	8,13	=	4,16	=	10,33
Aveiro	8,36	10,8	4,37	6,16	10,55
O. Bairro	9,6	=	5,4	=	11,25
Mogofores	9,17	=	5,45	=	11,37
Pampilhosa	9,35	10,45	5,31	6,51	11,57
Coimbra	10,19	11,1	6,1	7,15	12,31
Entrocam.	1,47	12,55	8,52	9,9	3,24
Lisboa	5,7	2,40	11,58	10,50	6,25

Tramways.—Do Porto para Aveiro
—Partida de S. Bento, ás 9,47 da manhã,
chegando a Aveiro ás 12,15 da tarde.
Partida de Aveiro: de manhã, ás 3,54,
chegando a S. Bento ás 6,32. Outro ás
6,25 da tarde, chegando a Aveiro ás 8,58.
Outro ás 11,1 da manhã, chegando ao Por-
to á 1,51 da tarde.

EPHEMERIDES DEMOCRATICAS

10 de junho.—Morre Camões,
o grande cantor das glorias nacionaes,
tão grande que não admitte notas
biographicas, 1580. Celebra-se
esta data em Lisboa no meio do
maior enthusiasmo, 1880.

11 de junho.—Mirabeau an-
uncia ás Constituintes a morte de
Franklin, e a França toma lucto pe-
la morte do eminente cidadão, 1789.

12 de junho.—Embarque, na
cidade do Porto, da expedição liberal
com destino ao Algarve, 1833.

13 de junho.—O Mexico pro-
clama a sua independencia, 1821.

14 de junho.—Os setembris-
tas abandonam Setubal, 1847.

—E' assassinado no Cairo, João
Baptista Kléber, 1800.

—Revolta popular em Lisboa
contra Costa Cabral, 1838.

Costa Cabral manda prender,
sem nenhuma forma de processo, d'u-
ma maneira illegal e arbitraria, e
metter no Castello de S. Jorge, o pa-
dre Lampêa, redactor do jornal O
Procurador dos Povos. Isto excitou
extraordinariamente os espiritos, dan-
do em resultado os acontecimentos de
14 de junho.

A tropa de linha e a guarda na-
cional tinham formado alas pelas ruas
do transito da procissão como era de
costume.

A uma das varas do palio ia el-rei
D. Fernando, e a outra José da Sil-
va Carvalho. Quando o palio chegou
ao sitio onde estava o 7.º batalhão
da guarda nacional, saíram das filei-
ras do batalhão gritos de Viva a
constituição de vinte pura; morra o
ministerio. Uma força de caçadores
n.º commandada pelo major Cabreira
(mais tarde barão da Batalha) dis-
persou os agitadores, mas estes foram
juntar-se na embocadura da rua dos
Faqueiros, para esperar as carrua-
gens na sua volta da Sé. José da Sil-
va Carvalho metteu-se na carruagem
do administrador geral, Costa Cabral,
mas são insultados pela população; e
muitas pedras são arremegadas contra
a carruagem; alguns mais atrevidos
dispõem-se a assaltar a carruagem.
Então Costa Cabral desfecha uma
pistolla sobre os assaltantes; estes he-
sitam, e a carruagem consegue ir até
à Praça da Figueira, mas sempre se-

guida pela população que continuava
nos gritos e insultos. Abi Costa Ca-
bral ordena aos soldados da estação
municipal que façam parar os amoti-
nadores, estes recuam um pouco, e
Costa Cabral consegue refugiar-se
com Silva Carvalho n'uma casa da
rua dos Faqueiros; os amotinadores
dispõem-se a assaltar a casa. Uma
força da municipal e o visconde de
Sá que appareceu, obstem a que elles
levem ávante o seu intento.

Então um homem vas d'entre a
multidão, avança para o visconde de
Sá e joga-lhe ao peito uma bayoneta-
da que de certogteria sido victima, se
a placa ou commenda não fizesse res-
valar o golpe.

Neste meio tempo, chegava a
marche-marche o batalhão de caçado-
res 2 e fazia dispersar os amotinado-
res, e dentro em pouco estabelecido
o socego na capital.

15 de junho.—Combate da
Ponte do Espinhal contrn os realista-
tas, 1828.

—Na freguezia da Margem, con-
celho do Gavião, é inaugurado o mó-
numento elevado á memoria de Mou-
sinho da Silveira, 1875, subscrição
publica aberta pelo *Journal do Com-
mercio*, dirigido então brilhantemente
por José Ribeiro Guimarães, eloquen-
te jornalista e convicto liberal.

—E' expulso do paiz, 1760, o
nuncio do Papa, o cardenal Acciaoli.

O Marquez de Pombal andava in-
dignado com esse nuncio pelas con-
trariiedades que elle lhe movia, e por
varias vezes tinha pedido para Roma
que lhe tirassem de Lisboa aquelle
homem. Como o papa fizesse *dubios*
de mercador, o marquez resolveu
aproveitar o primeiro pretexto para
se ver livre do padre. Tendo-se casa-
do a princeza herdeira com seu tio
D. Pedro, foi participado esse facto á
todos os embaixadores; excepto ao
nuncio. Este protestou contra tal es-
quecimento e como *represalia* não illu-
minou a frontaria do seu palacio,
mandando fechar todas as portas e
janellas como se estivesse de lucto,
nos dias destinados ás festas nacio-
naes, e que eram 7, 8 e 9.

O Marquez de Pombal não esteve
com mais delongas. A's 7 horas da
manhã do dia 15, quando o nuncio se
preparava para dizer missa, foi inti-
mado a sahir immediatamente do rei-
no. Pediu que deixassem escrever ao
secretario d'Estado. Não lhe foi con-
cedido. Pediu que o deixassem ao me-
nos dizer missa. Tambem lhe não foi
concedido. Mettido n'um escaler, atra-
vessou o Tejo para o outro lado, onde
o esperava uma força de cavallaria,
que o conduziu até á fronteira de
Hespanha.

16 de junho.—E' eleito papa,
1846, sob o nome de Pio IX, João
Maria, conde de Mastai Ferretti, es-
perança dos liberaes, e que veio a
ser o feroz ultramontano do dogma
da *Immaculada Conceição* e do *Syl-
labus*.

Album Republicano

E' agente em Aveiro d'esta
importante revista, o sr. Bernardi-
do de Souza Torres, proprietaria
da Veneziana, a quem devem
ser dirigidos todos os pedidos de
assignaturas.

MATERIAES PARA
CONSTRUCÇÕES
DE
Antonio da Costa Junior

Fabricante e fornecedor
de adôbos na qualidade de
areia agria e macia, e con-
traria ás sainhas. Adôbos de
parede, muro, meidões, tres
quartos, canejns de poço e
areia fina e grossa, tudo da
melhor qualidade.

Modicidade de preços:

AVEIRO — PRIMA

MACHINAS "PFAFF,"

BICYCLETES OSMOND

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS, estabelecidos em Sangalhos, com deposito de relógios e machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim com officina de reparações tanto de relógios como de machinas de costura e bicyclettes, previnem os seus amigos e freguezes que montaram em Aveiro, Largo do Espirito Santo, proximo á fonte das 5 bicas, (Chafariz da Agua), uma succursal para venda das suas machinas de costura, bicyclettes e seus accessorios e bem assim, anexo ao mesmo estabelecimento, tem uma officina de reparações com pessoal habilitado para fazer concertos tanto em machinas de costura como em bicyclettes.

Pedem por isso, a todas as pessoas de suas relações e ao publico em geral, a fineza de não comprarem em outra parte sem primeiro visitarem e confrontarem os preços tanto no seu deposito em Sangalhos, como na sua succursal em

Aveiro, Largo do Espirito santo
para verem as vantagens que estas casas lhes oferecem.
Toda a correspondencia deve ser dirigida a

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

Anadia, Sangalhos; ou para Aveiro ao sr.

JOSÉ AUGUSTO REBELLO

Gerente da casa Simões & Filhos

Alugam-se bicyclettes tanto em Sangalhos, como no Largo do Espirito Santo, em Aveiro.

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

— DE —
Albino Pinto de Miranda

(LARGO DE MANUEL MARIA)

AVEIRO

Commissões e consignações. Deposito de petroleo, sabão e azeite. Sortido completo de vinhos da Companhia Vinicola e da Associação Vinicola da Bairrada. Vinhos finos do Porto e da Madeira, especiaes. Champagne nacional e estrangeiro, cervejas de diversas qualidades, licôres e aguardentes, generos de mercearia; bolachas e biscoitos das principaes fabricas do paiz, pelo preço da tabella; fructas secas, chourissos do Alemtejo e banha da terra. Chumbo, cartuchos e mais petrechos para caça, corda, fio e linha de pesca. Uma variedade enorme de miudezas. Objectos de escriptorio, etc, etc, etc.

Pechinchas para liquidar:

PRATOS da fabrica de louça de SACAVEM A 450 E 360 REIS A DUZIA, e o resto do seu sortido de louça vende por preços muito resumidos.

JOSÉ MARIA SIMÕES & FILHOS

SANGALHOS

VENDEM e trocam relógios de bolso e de sala.
Correntes e medalhas de prata.

Machinas de costura «PFAFF», White e outros auctores.

Bicycletas «BRISTOL», «TRIUMPH», «OSMOND», «GUITYNER» e outros auctores.

Completo sortido de accessorios, tanto para machinas de costura como para bicycletas.

Officina para qualquer reparação.

Alugam-se bicycletas

José Maria Simões & Filhos

ANADIA — SANGALHOS

TYPOGRAPHIA
— DO —
POVO DE AVEIRO
Aveiro, de nos obegar do estrangeiro, das primeiras fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasias, proprios para obras de luxo. Entregamos-nos, portanto, de toda a obra de impressão, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.

— DO —
POVO DE AVEIRO

Artigos photographicos,

POR PREÇOS MODICOS,

Vendem-os Felix, Filhos

AVEIRO

HOTEL CYSNE BOA-VISTA AVEIRO

JOSE FERNANDES LAGO, antigo proprietario do bem conhecido CAFE CHINEZ, de Espinho, participa a todos os seus amigos, freguezes e ao publico, que tomou de trespasse o HOTEL CYSNE, de Aveiro. Posto que este antigo estabelecimento gosasse desde ha muito de excellentes creditos, o seu novo proprietario não se tem poupado a despesas e sacrificios para bem servir todas as pessoas que preferem a sua casa.

Resolven tambem estabelecer um serviço de café e restaurante, achando-se o estabelecimento aberto até altas horas da noite, afim de que o publico possa encontrar ali as melhores distrações.

Para que o serviço seja completo e os freguezes tenham todas as commodidades, encontrar-se-ha á chegada de todos os comboios á estação de Aveiro um correto do mesmo hotel.

Por todos estes motivos espera o novo proprietario do HOTEL CYSNE a continuação das ordens de todos aquelles que em Aveiro precisam de alojamentos ou quizesquer outros serviços que ali lhes possam ser fornecidos.

Feitos quasi de graça só na Oficina de alfaiate

DO ASYLO-ESCOLA DISTRICTAL DE AVEIRO

RUA DO GRAVITO

Dirigida por Francisco Marcos de Carvalho

N'esta officina executa-se com perfeição todos os trabalhos concernentes á arte.

José Maria Soares
medico e cirurgião pela Escola Medico-Chirurgica do Porto
CLINICA GERAL
Consultas todos os dias das 10 h. em diante
Chamadas a qualquer hora.
R. dos Mercadores — AVEIRO

IMPRESSÕES DE VIAGEM

O QUE EU VI E OUVI ATRAVEZ DO EGYPTO E DA VELHA EUROPA

Vendem-se n'esta redacção, por 800 réis, os dois bellos e excellentes volumes d'esta publicação, escripta pelo nosso illustre correlligionario José de Souza Larcher.

METHODO JOAO DE DEUS

LEITURA

Primeira parte—**Cartilha Maternal ou Arte de Leitura**—18.ª ed., cart. 200 réis, broch. 150
Album, ou livro contendo as lições da *Cartilha Maternal* em ponto grande 50000
Quadros Parietaes, ou as mesmas lições em trinta e cinco cartões. 68000
Segunda parte—**Os Deveres dos Filhos**—1.8ª ed., cart., 200 réis, broch. 150
Guia prático e teórico da Cartilha Maternal—1 vol. de 176 pag., compilado por João de Deus Ramos..... 150

ESCRIPTA

Arte de Escripção—cada caderno, 30
Livros de polémica sobre o Methodo
A Cartilha Maternal e o Apostolado..... 500
A Cartilha Maternal e a Crítica..... 500

Do mesmo auctor:

LITTERATURA

Campo de Flôres—Poesias prefaciadas e coordenadas por Theophilo Braga, 3.ª ed., (esgotado), 700
Prosas—Coordenadas por Theophilo Braga 800

DEPOSITO GERAL

Largo do Terreiro do Trigo, 20, 1.º—LISBOA

Venda dos livros escolares de João de Deus desde 1 de outubro de 1906

DESCONTOS

Em 20 exemplares (d'um dos livros, «Cartilha Maternal» ou «Deveres dos Filhos»), 15 0/10.
Em 100 exemplares dos mesmos livros, 20 0/10.
Em 500 exemplares dos mesmos livros, 25 0/10.

A EXPOSIÇÃO ORAL DO METHODO faz-se em cursos mensaes (gratuitos) na casa da viuva de João de Deus, rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), onde poderá inscrever o seu nome quem deseje conhecer com exactidão a Cartilha Maternal, ou a Arte de Escripção.

A VENDA EM QUASI TODAS AS LIVRARIAS

FÁBRICA DOS SANTOS MARTYRES

DE

CHRISTO, ROCHA, MIRANDA & C.ª

Moagem de trigo, milho e descasque de arroz, pelos systemas modernos e mais aperfeiçoados. Farinhas superiores, cabecinha, sementes, farellos e alimpaduras.

Compra-se milho, trigo e arroz a retalho e por atacado.

ESCRITORIO—R. DA ALFANDEGA

AVEIRO

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA E FERRAGENS

— DE —

ANTONIO FERREIRA FELIX, Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, réis para vedações, alvaiades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS

RUA DIREITA N.º 43 45—AVEIRO